

Os Bravos da Serra

Grupo Lobo



Ele aprendeu a gostar daqueles dias frios, em que a humidade se lhe cola ao pêlo, com água fresca ao alcance da sua língua a cada recanto, quando a lembrança do calor quase paralisante de outros meses começa a parecer-lhe apenas um sonho mau, de desconforto e sede. Aquilo a que o seu dono chama “Inverno” deixa os bichos moles e desconfiados; mas o Mondego por vezes cabriola entre a brenha sem razão, apenas porque sim, como que a festejar o começo de mais um longo passeio entre as urzes e as pedras que ele já sabe de cor. Ou talvez nem tenha precisado de aprender; tudo no seu sangue leva àqueles caminhos pelos montes, como se gerações na sua linhagem tivessem conspirado para lhe dar, aqui e agora, esta calma consonância com as fragas, as árvores, as mudanças de humor dos ventos, as direcções a seguir, os obstáculos a evitar. Ele está longe do seu solar, da serra que o criou, que deu propósito e nome à sua raça; mas não é a falta da vermelha Aldebarã nos céus, farol e calendário de transumâncias já esquecidas, que o fará perder o Norte. O Mondego tem uma missão, escrita tão fundo em si que já não carece de treino ou ordens para ser o seu mandamento primeiro.

Como sempre, a brisa traz-lhe um panorama de odores que pinta na sua mente o preciso mapa das redondezas, um mapa vivo, desenhado por coisas que mirram e mudam, pelos restos da noite anterior, mas também pelos baluartes rochosos da paisagem que ali estarão para sempre. Uma giesta atrasada que teima em florir o seu perfume ácido; a água que ainda corre por perto; o pontilhado acre dos restos que a manada vai deixando... tudo ele vê antes de ver com os olhos. Até coisas mais sombrias, coisas que andam por ali à noite, coisas que lhe eriçam os instintos com uma nota de medo. Mas a curiosidade não lhe guia os passos. E o receio não os tolhe. Ele limita-se a ficar queto e mudo, vigilante mesmo quando deitado,

mirando a dúzia de vacas que subiu o monte com ele e que mais logo o descerá: a sua família. Pelo menos a única que o Mondego conheceu; da sua verdadeira origem, dos seus irmãos de ninhada, levados um a um para longe, quiçá para outros rebanhos ou para a modorra de salas alcatifadas na cidade, já memória alguma sobra. Ele encontrou ali, na vastidão em que a manada vagueia e pasta, o seu lar, a sua liberdade e também a sua razão de ser. Duas das vacas pariram há pouco. Os vitelos não as largam, em busca de protecção e leite. O Mondego sabe bem que não se deve aproximar, que os cornos daquelas mães desconfiadas não são para brincadeiras, mas inquieta-se sempre que perde uma delas de vista.

De repente, chega o nevoeiro. Ainda agora começou o entardecer, mas é como se a noite de Dezembro ali caísse a destempo, perdida e fria, com nuvens que escorrem pelo cabeça abaixo como leite frio. As vacas murmuram entre si, talvez a combinar um regresso a casa antecipado, aguilhoadas pelo medo e pelo instinto. Ele nunca viu uma névoa assim, tão opaca e pesada que até os cheiros afoga e embaraça. As silhuetas massivas daqueles continentes de carne começam a descer o monte.

O Mondego levanta-se para as acompanhar. Mas antes vislumbra nas ondas de neblina um vulto menor, que hesita e treme, paralisado pela súbita solidão. Um dos vitelos ficou para trás. Lá ao longe, o mugido aflito da mãe, incapaz

de o encontrar. Há um instinto velho de milénios que acorda.

Dias, anos depois, o dono do Mondego não se cansa da história daquela noite, contada já com laivos de fantasia, mas fiel ao cerne do

à procura deles. Quando dei com o vitelo, estava deitado junto a umas pedras, para se abrigar... com o cão encostado a ele, como se fossem dois cachorros. Aqui o Mondego não quis deixar o pequeno sozinho e passou a noite toda a guardá-lo. E nem sei se teve ou não de



© Silvia Ribeiro

sucedido: “quando as vacas voltaram, vi que faltava um vitelo. E o Mondego também tinha ficado lá no cabeça. Mas estava nevoeiro cerrado e tive de esperar pela manhã para sair

o defender de algum lobo...” Certo, certo, é que esta história aconteceu mesmo, algures nos nossos campos. Se calhar até mais do que uma vez. Desta vez, foi um



Serra da Estrela o protagonista de coragem, mesmo que a muitos quilómetros da sua origem, em montes onde os lobos ainda lançam o seu uivo de orgulho e desafio, onde as “carrancas” eriçadas de picos voltaram a fazer falta. Assim é, mesmo em dias tão modernos e noites tão iluminadas pelo progresso, a vida dos muitos cães de gado, independentes e bravos como só eles: vivendo em comunhão de destinos com as “suas” vacas, cabras ou ovelhas, arriscando a vida face ao lobo; mas também face às ameaças do bicho homem, sempre mal-agrado, com as suas armadilhas, os seus carros descuidados e os seus venenos.

Talvez um dia venhamos a ser dignos destes companheiros. ■

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, co-financiado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.